

Teses & Concursos

Realizaram-se em dias do mês de dezembro do ano próximo passado, no salão destinado às reuniões da congregação da Faculdade de Direito, concursos destinados ao provimento das cátedras de Economia Política, Ciências das Finanças, Teoria Geral do Estado e Direito Penal.

Desacostumados ao encanto de tais cometimentos, que nem sempre confirmam juízos previamente assentes, nossos círculos culturais sofreram a impacto dos resultados advindos, sem que, intimamente, na sua totalidade, os pudesse homologar.

Figuras reconhecidamente eruditas, sobejamente experimentadas, a quem conferiáramos serenamente, não só interesses da sociedade, mas a cultura jurídica das gerações atuais, foram alijadas do magistério superior de maneira surpreendente.

Não se diga, contudo, que a sementeira dos conhecimentos professados pelos velhos mestres e as inclinações que os mesmos gizaram no espírito dos seus discípulos, encontrou terreno absolutamente sáfaro. O concurso para provimento da cátedra de Economia política, disputado por duas figuras da nossa moderna geração de jurisperitos, bem demonstra, pela cultura jurídica evidenciada pelos disputantes e pelo interesse que despertou em todas as correntes culturais da nossa terra, que os mestres de ontem, souberam pelo menos, criar no espírito dos seus discípulos, o amor da análise, o desejo da especialização, do perquirir constante dos mananciais dos conhecimentos de sua preferência.

Durante o decorrer da defesa de tese, das aulas didáticas, da leitura do trabalho escrito e mesmo dos resultados finais, foi constante a curiosidade despertada pelo concurso para provimento da cátedra de Economia Política.

Samuel Benchimol, estudioso, animado da preocupação única e constante de mais saber para maior parcela de conhecimento transferir, não

QUINTO CECILIO

surpreendeu àqueles que bem o conhecem. José Lindoso, experiente pedagogo, adornado pelo brilho do conhecimento vernacular, foi merecidamente alçado as honrarias de doutor e de livre docente do nosso único estabelecimento de ensino superior.

O brilho com que se houveram os dois professores, ante a assembléia de doutos que os julgava, nos lembra uma lenda medieval, que Van faz exsurgir, no prólogo de sua monografia — As Artes:

A fábula conta-nos a história de dois penitentes, que compareceram aos pés da Virgem, para implorar determinação da graça, nada tendo para oferecer-lhe em troca dos favores que lhes coubessem. Um deles, músico, empunhando uma rabeca, seu único bem, feriu-lhe as cordas e fez ouvir, diante da imagem, a mais suave das suas melodias.

O outro — um santo sapateiro — sentiu que sua romaria fóra vã. Só prometia prometer à rainha dos Céus um par de pantufas para o primeiro baile dos anjos, pois era sabido que estes dansavam em sua mordaa etérea, e que, de quando em quando, a Virgem participava dessas festas.

Preocupado — perguntou a si mesmo o sapateiro — que é um par de pantufas comparado à linda toada que acabo de ouvir?

Entretanto fez os chinelos tão belos quanto pôde e também obteve a graça implorada. Para ambos — artista e artífice — o mais importante fóra o esforço e não o resultado final.

Cobe-nos dizer, àqueles que foram os mestres de tais aprendizagens, não sabendo, para a felicidade de ambos, manter, talvez pelo império das circunstâncias ambientes e paixões que os tenham empolgado, a disciplina mental que souberam legar a tais discípulos, que seus inegáveis méritos subsistiram, em singular transfiguração, na vitória dos seus herdeiros espirituais.